

## O Banquete de Platão: uma revisita à transferência em Lacan<sup>1</sup>

Elisabeth Cimenti<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo aborda o conceito de transferência do ponto de vista do Seminário A Transferência de Lacan, estudado à luz do texto do Banquete de Platão. Enfoca de forma sintética os diversos discursos dos participantes do Banquete, analisando-os e transpondo-os à estrutura de uma sessão analítica. O Banquete fala sobre o amor, que, segundo Lacan, seria o motor do tratamento analítico.

**Palavras-chave:** transferência; sessão analítica; discurso; Banquete de Platão.

*A cela analítica, mesmo macia, não é nada menos do que um leito de amor...  
... no quadro mais protegido de todos, o do consultório analítico, a posição do  
amor se torna ainda mais paradoxal.  
... entendo partir do extremo, do que é suposto pelo fato de que alguém se isole  
com o outro para lhe ensinar o quê? ...aquilo que lhe falta.  
Situação ainda mais temível se imaginarmos justamente, que, devido à natureza  
da transferência, o que lhe falta ele vai aprender amando.*

(Jacques Lacan)

Degustar Platão no *Banquete*, repensando o conceito de transferência em Lacan, é meu objetivo neste texto. Experiência muito bonita, de reflexão e crescimento, ocasião para entender como Lacan aborda essa questão: fica claro que o faz a partir do amor, conforme suas próprias palavras nas epígrafes que abrem este trabalho. Ele se debruça sobre o *Banquete* e também o degusta. Porque o *Banquete* fala do amor e Lacan parte daí para entender o amor da transferência. Lacan se pergunta qual a relação que realmente se coloca para um analista. Qual a nossa relação com o ser de nosso paciente? Considera que, afinal, é disso que se trata a análise.

- 1 Artigo originalmente no livro da própria autora: *Reviravoltas do Eu - Narrativas em Psicanálise*. Editora Movimento. Porto Alegre, 2012.
- 2 Psicóloga, psicanalista, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), fundadora do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP) e mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Em meu ensaio, vou me abster de falar especificamente sobre cada discurso, a não ser de passagem, supondo serem tais discursos de conhecimento do leitor, e abordarei tão somente os recortes que interessam ao tema em questão.

O que acontece no *Banquete*? O banquete é uma cerimônia com regras, uma espécie de rito, de concurso íntimo entre pessoas da elite grega. Lacan propõe tomar o banquete como um relato de sessões psicanalíticas.

Esse encontro se dá entre seis pessoas reunidas para falar a respeito do amor. Inicia com Fedro, que havia proposto a cada um deles tecer um elogio ao amor. Começa ele mesmo com o primeiro discurso. Relaciona o amor a algo divino. E reconhece em alguns poucos a verdadeira capacidade de amar; para ele, Aquiles mostra essa mais nobre forma de amor. Aquiles de amado se transforma em amante, sacrificando-se por Pátroclo.

Os discursos seguem-se com Pausânias, que coloca duas formas de amar, mas de modo derrisório, e depois com Erixímaco, o médico, que apresenta uma visão cosmológica do homem e, com isso, oportuniza uma abertura escancarada à ideia de amor para Platão.

Nessa ordenação, já se delineiam alguns detalhes: Erixímaco substitui Aristófanes, que seria o terceiro a falar. Esses detalhes podem parecer sem importância, porém Lacan os explora a fundo e, aí, começa o apaixonante estudo realizado por ele.

Antes de abordar a questão da transferência e se voltar para o *Banquete*, relata que foi falar com Alexandre Kojève, pois havia estudado a filosofia de Friedrich Hegel com este durante alguns anos. Perguntou que sugestão Kojève daria para decodificar melhor o *Banquete*. Seu professor hesitou, vacilou, disse que não relia esse material há muito tempo, entretanto, quando Lacan ia se retirando, falou: “Seja como for, você nunca interpretará o *Banquete* se não souber por que Aristófanes estava com soluço” (Lacan, 1961/1992, p.67). Ou seja, o soluço de Aristófanes fez com que ele trocasse de posição, cedendo lugar a Erixímaco, que, então, fala antes dele. A partir daí, segue-se Aristófanes, Agatão – o dono da casa –, que havia recebido um prêmio pela escritura de uma tragédia, e, depois, enfim, fala Sócrates. Então, a ordem dos sujeitos se altera, e por que isso é importante? Porque cada sujeito pode ser considerado como um significante para outro significante e, de acordo com a sua posição, confere uma ressignificação ao discurso de todos que o antecedem. O último discurso reordena todos os anteriores. Esta é a importância da troca de lugar das pessoas que falam no *Banquete*, pois se pode compreender cada discurso como um significante. Através dessa cadeia de significantes que se constitui, o desejo vai deslizando metonimicamente e definindo o que é o amor. Lá pelas tantas, aparece a palavra desejo. A ordem dos discursos fica assim: ocorrem os de Fedro e o de Pausânias, e, depois, entra Erixímaco, que, conforme mencionado, confere uma visão que representa uma abertura aproveitada por Aristófanes. Por que?

Porque Aristófanes traz um personagem do Imaginário, através de um discurso que contém um caráter delirante, em um contexto contraditório que remete precisamente à questão da transferência. O elogio de Aristófanes apresenta uma observação zoológica de seres imaginários: seres que poderiam ser cortados em dois como ovos cozidos. Trata-se de personagens esféricos, de todos os lados semelhantes a si mesmos, sem limites por ser sua forma em bola, na qual reina a mais completa solidão graças a sua autossuficiência. O autor insere, assim, a ideia de narcisismo, ao mesmo tempo em que introduz a concepção de um possível corte - castração. Esta personagem mítica, completa em si, apresenta-se através de três sexos - homem/homem, mulher/mulher e homem/mulher. Representa o mito de nossa unidade primitiva. Entretanto, Zeus castiga essa figura completa por sua presunção e ela sofre uma divisão, que Aristófanes chama de *spaltung* e tem a passagem dos genitais para a frente do seu corpo. A partir do corte, cada um desses seres toma consciência de que lhe falta algo e passa a viver em busca dessa parte que lhe falta. O termo *spaltung* é utilizado por Freud e Lacan para definir a divisão mental própria inclusive das tópicas da mente. Essa divisão permite que se chegue ao Simbólico - a divisão que todos nós temos entre a parte conhecida, consciente, e a parte inconsciente, desconhecida de nós mesmos, que aparece em nosso discurso como furo, como equívoco, e que fala de nossa verdade do inconsciente.

A partir de Aristófanes, então, quando se cria essa divisão no sujeito, aparece o ser descentrado, o ser da falta, que vai necessitar do Outro e que vai levar à instauração do Simbólico. Definida essa posição no sujeito, Agatão ingressa na ordem dos discursos e, muito embora presente o seu elogio ao modo de uma fantasia extravagante, ele arma a posição para a construção da argumentação socrática.

Sócrates inicia seu discurso diferentemente dos demais, na forma de um diálogo; ele faz perguntas a Agatão e busca as suas respostas para armar o seu elogio. Dessa maneira, apresenta o conceito de desejo, desejo daquilo que não se tem, formalizando a ideia da falta como causa do desejo e do amor. Pode questionar dialeticamente, porque já está estabelecida a divisão, o furo, a falta. Então, chega-se à palavra através do simbólico, que se constitui depois de um corte, uma divisão no "sem furo" típico do narcisismo, que se estrutura na completude onipotente da fusão mãe/bebê, momento em que se forma o Imaginário, cuja visão os primeiros discursos nos proporcionam.

O *Banquete* propicia, portanto, uma ideia do desenvolvimento da individuação do sujeito e da própria sexualidade que se dá através do complexo de Édipo; assim, se vislumbra a possibilidade de completude e a difícil aceitação da complementaridade sexual que surge com a ideia desse ser descentrado, incompleto, que se defronta com a diferença sexual. No momento do corte, a sexualidade assume a frente como uma problemática a se resolver no discurso de Aristófanes.

Então, o que faz Sócrates? Ele discute dialeticamente toda essa questão do sujeito, da divisão, enfim, desde o discurso de Fedro, que era o pai da ideia de homenagear o amor e cujo discurso é mais voltado para a grandeza do amor – grandeza essa muito mais presente no lugar do amante que no lugar do amado. Lacan explica que Sócrates restabelece essa discussão dialética entre amado-amante e apresenta duas figuras bastante significativas insinuadas por Fedro: o Érastès e Êrôménos. Érastès seria aquele que ama – o amante – e Êrôménos, o amado. O valor grego maior recairia sobre o fato de a pessoa poder abrir mão do lugar de amado para alcançar o lugar de amante.

A seguir, introduz a figura de Diotima – como um mito. Fala do lugar de uma mulher, uma sacerdotisa estrangeira, que, na realidade, era uma ficção criada por Sócrates. A estrangeira, por si só, já dá lugar para o conceito de diferença que se impõe. Sócrates possuía um discurso muito denso, em comparação com o de Agatão, e não iria entrar no tom. Então, ele fala através dessa mulher. O que diz Diotima? Ela relata como se deu o nascimento do amor, é esse o seu discurso. Mas ela estabelece primeiramente um diálogo com Sócrates, bem à maneira socrática, na qual ela faz as perguntas e ele – Sócrates – responde, exatamente como ele fizera com Agatão, ao introduzir o seu discurso. Diotima assume o lugar de Sócrates e este, de Agatão. Assim, aparecem personagens que se alternam e trocam os seus lugares. Nessa passagem, Diotima inclui a dialética, visando a dar um salto e passar para o método de exposição alegórica. Demonstra que, não necessariamente, a verdade pode estar em dois polos que se opõem; o que não é belo não será forçosamente feio; o que não é bom, não é forçoso que seja mau. Assim, introduz a ideia de que nem sempre temos uma síntese que representa uma certeza e demonstra a natureza intermediária do amor, relatando a sua origem.

Ela conta que o amor tem sua origem na festa que se organiza pelo nascimento de Afrodite – deusa da beleza – e que terá um grande número de convidados. Recurso é um dos convidados. E, na porta da festa, porque não fora convidada, encontra-se Pobreza, a espiar. Depois de Recurso muito beber e se embriagar, cai em frente à porta, e Pobreza se aproveita dele; o seduz. A partir desse encontro, nasce o Amor. Estabelece-se, assim, a relação entre a beleza e o amor. Constrói-se a dualidade entre o belo e o amor que Platão tem de fundo, e define-se que o amor, na verdade, nasce também de uma falta. A pobreza representa esta falta.

O elogio ao amor apresentado por Sócrates é muito importante para se entender o lugar da transferência em Lacan.

Então, o que acontece no desenvolvimento do *Banquete* depois do discurso de Sócrates? Entra Alcibiades. Bêbado. Irreverente, vem à frente de uma espécie de bloco de carnaval e, no momento em que entra, rompe e subverte toda a ordem estabelecida no *Banquete*, onde havia uma combinação prévia entre os participantes.

No início do *Banquete*, foi feito um acordo acerca do evento: “Nós vamos cada um fazer um discurso de elogio ao amor, vamos beber pouco porque ontem já bebemos na comemoração do prêmio recebido por Agatão”. Assim, foi estipulada uma série de regras, todavia rompida com a entrada escandalosa de Alcibiades. Esse acontecimento dá a dimensão de como eclode a transferência no espaço analítico, no qual existe toda uma série de combinações, que a transferência visa a romper e que ninguém pode prever como se dará.

Então, o que acontece mais exatamente no *Banquete*? Alcibiades irrompe naquela sala, e faz o quê? Em lugar de entrar no jogo sobre o elogio ao amor, ingressa em cena como ator e passa a ser ele quem dirige o espetáculo. Faz uma apaixonada declaração de amor a Sócrates. Antes, porém, entra na casa e escolhe ir deitar-se ao lado do dono da casa – Agatão. Coloca-se entre Sócrates e Agatão e, em um primeiro momento, não enxerga a Sócrates. Quando ele o vê, leva um susto, e diz: “Ah! Tu estás aqui !?” Então, desafiado a fazer parte do jogo dos elogios e sentindo-se alcoolizado demais para isso, propõe fazer um elogio à pessoa da sua direita e passa a contar sobre sua aventura com Sócrates. Relata a sua experiência de apaixonamento por Sócrates e seus esforços em seduzi-lo. Mas, que, apesar de todos os seus apelos e tentativas de sedução, em momento algum, Sócrates expressa qualquer sinal de concessão amorosa a ele e se mantém irredutível na sua posição.

Para Lacan, a grande mudança que acontece com a entrada de Alcibiades é que, em lugar de realizarem um elogio ao amor, os convidados passarão a fazer um elogio ao outro e, precisamente nesse ponto, se passa à metáfora. O elogio do outro substitui o amor; não metaforiza o elogio do amor, mas ao amor propriamente dito. Cria-se a metáfora do amor. O amor passa a ter um significado tão somente metafórico.

Com isso, se configura toda uma questão sobre a qual Lacan (1961/1992) se apoia para explicar a transferência. Segundo o autor, Alcibiades cria essa metáfora e fala para um terceiro que estava todo o tempo olhando: Agatão. Assim, uma mudança acontece desde o discurso de Diotima. Ela fala para um Outro, que é colocado como o Bem supremo e Alcibiades cria, com sua entrada, uma situação tríplice. No início de seu discurso, refere-se a Sócrates como um *sileno*; palavra que tanto pode significar um satírico e, assim, pareceria ser tomado no *Banquete*, como também poderia ter o significado de uma embalagem ou caixinha de joias, na linguagem da época. E esse último sentido é o lugar que Lacan entende que Alcibiades quer conferir a Sócrates: aquele que contém coisas preciosas muito íntimas. Volta, assim, o seu discurso do externo para o interior. Desse modo, Alcibiades arranca a ideia da dialética do belo como o desejável e dirige-se, a grandes passadas, ao surpreendente efeito da linguagem da paixão, da paixão do significante que crava a sua lança e gera sentidos. Aqui entra uma pergunta e a pergunta seria: “O que você deseja? Existe um desejo que represente a sua vontade?” (p. 143). Esse

outro, enquanto objeto de desejo, possivelmente seja a soma de um punhado de objetos parciais, que, de modo algum, constituem algo semelhante a um objeto total, como costuma ser apresentado em uma simplificação ingênua, segundo Lacan, designada como a genitalidade a ser atingida como o Bem supostamente harmonioso. Para Lacan, o isso, com que temos de nos manejar em nossa profundidade inconsciente, talvez não passe de *um vasto troféu de todos esses objetos* (p.147). Nessa perspectiva, o Eu se constrói inteiramente na pluralidade de identificações que se estruturam no Eu ideal, no ideal do Eu e em um Eu desejante, que está em incansável busca do par perdido, em algum resquício de experiência fugaz do passado. O amor, portanto, se transforma em uma metáfora que pretende atender uma demanda de outro sujeito descentrado e que tem o seu desejo perdido no passado.

Desde esse lugar, em que é aparentemente seduzido a se colocar como objeto do desejo do outro, Sócrates é irredutível. Ele sabe. E, porque sabe, fala a Alcibiades, enunciando o que poderia ser designado como uma autêntica interpretação analítica: “Tudo o que você acaba de dizer de tão extraordinário, de tão enorme em sua imprudência, tudo o que acaba de revelar, falando de mim, foi para Agatão o que disse (p. 152)”.

Lacan (1961/1992) postula, ainda, que o analista precisa jogar na transferência com o seu desejo, pois, segundo ele, todos os dias o nosso desejo vem nos dar bom dia e não podemos fugir disso. Mas precisamos nos manejar com ele, como se fosse o morto de um baralho, que está ali, mas não entra no jogo. E, nisso, Sócrates mostra a irredutibilidade de quem sabe o que é o amor. E Alcibiades dá a representação verdadeira do conhecimento socrático, sem o saber. Ele escancara o que está presente, mas coberto pelo véu do pudor. Em certo sentido, ele é o demônio de Sócrates.

Talvez ajude retomar as figuras já apresentadas de Érastès – o amante – e de Érôménos - aquele que é amado. Érastès se caracteriza por colocar a todos que dele se aproximam como aquilo que lhe falta, mas ele não sabe o que lhe falta. Érôménos situa-se sempre como aquele que não sabe o que tem oculto e que constitui a sua atração. Nenhum escapa da insciência do inconsciente. Assim se apresenta o problema do amor: o que falta a um não é o que existe escondido no outro. *Amar é sempre dar o que não se tem e não dar o que se tem* (Lacan, 1958/1999, p. 218).

A relação significante/significado é que poderá criar algum sentido na metáfora do amor. A relação de Érastès, como o sujeito da falta, substitui a função de Érôménos, que seria o objeto amado e, aí, se produz a significação do amor. Amar, portanto, é poder suportar a castração de saber que nenhum objeto da nossa vã realidade poderá ser aquele que de fato corresponderá fielmente ao nosso desejo e que sempre permanecerá um sentido de falta que se encontra na borda do humano.

Não é à toa que Lacan lembra que a expressão *eterno amor* é colocada por Dante, exatamente nas portas do inferno. E, nesse sentido, o analista – sempre que estiver exercendo a função analítica – precisa estar ciente de que está lidando com Hades – o lugar dos mortos.

Esta é uma narrativa sobre a confluência entre o *Banquete* de Platão e o conceito de transferência como Lacan o compreende, em seu seminário sobre A Transferência.

#### **The Plato's Symposium: a revisit to the transference in Lacan's work**

**Abstract:** The article points out the transference concept through the point of view of the Seminar 'The Transference of Lacan', studied under the light of Plato's Symposium text. In summary form, focuses on several speeches of the Symposium's participants, analyzing and transferring them to the structure of an analytical session. The Symposium talks about love, which, according Lacan, would be the analytical treatment engine.

**Keywords:** transference; analytical session; speech; Plato's Symposium.

#### **El Banquete de Platón: una revisitación a la transferencia en Lacan**

**Resumen:** El artículo aborda el concepto de transferencia desde el punto de vista del Seminario 'La Transferencia de Lacan', estudiado a la luz del texto El Banquete de Platón. Plantea, de forma concisa, diversos discursos de los participantes del Banquete, analizando y transponiendolos a la estructura de una sesión analítica. El Banquete habla de amor, que, según Lacan, es el motor del tratamiento analítico.

**Palabras clave:** transferencia; sesión analítica; discurso; Banquete de Platón.

### **Referências**

- Lacan, J. (1999). As formações do inconsciente In Lacan, J. *Os três tempos do Inconsciente*. O Seminário. Livro 5. (Trad. Vera Ribeiro, p. 185-203). Rio de Janeiro:Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- \_\_\_\_\_. (1992). *O Seminário – Livro 8. A Transferência* (Trad. D.D. Estrada, p. 27-152). Rio de Janeiro:Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- PLATAO (2003). *O Banquete, ou Do Amor*. Rio de Janeiro: Difel. (Trabalho original do Sec. IV a.c.)

Maria Elisabeth Cimenti  
Rua Joao Abbot, 319, Conj. 401  
Petropolis, Porto Alegre/RS  
bethcimenti@hotmail.com